

# ARQUITETURA MODERNA E EDUCAÇÃO: O INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO

ARQUITECTURA MODERNA E EDUCACIÓN: EL INSTITUTO DE EDUCACIÓN DE PERNAMBUCO

MODERN ARCHITECTURE AND EDUCATION: THE PERNAMBUCO INSTITUTE OF EDUCATION

## MOREIRA, FERNANDO DINIZ

Arquiteto, Ph.D em Arquitetura, University of Pennsylvania, Professor Associado do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), E-mail: [fernando.moreira@ufpe.br](mailto:fernando.moreira@ufpe.br)

## SOUSA, LARISSA MORGANA LEÃO SILVA DE

Arquiteta e urbanista pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais (NPGAU-UFMG), E-mail: [lmleao01@gmail.com](mailto:lmleao01@gmail.com)

### RESUMO

O presente artigo busca analisar a atual sede do Instituto de Educação de Pernambuco, complexo educacional moderno localizado em Recife-PE (Brasil), e as transformações pelas quais passou desde sua inauguração. O complexo é um exemplar notório da arquitetura moderna pernambucana por combinar diversos artifícios para a adaptação de princípios universais da arquitetura moderna à realidade bioclimática regional, e promover de forma bastante completa a integração de arquitetura, urbanismo e paisagismo, dada sua relação com o contexto urbano. Projetado pelos arquitetos Marcos Domingues (1928-2015) e Carlos Corrêa Lima (1928) em 1956, ele se enquadra no contexto do período nacional-desenvolvimentista, refletindo a visão de atribuir à arquitetura moderna o papel de ferramenta para a transformação social, em consonância com a pedagogia emergente no período e os esforços no sentido da oferta de uma educação pública de qualidade. A análise parte de uma breve contextualização do histórico da instituição, passando pela escolha do terreno da nova sede, o concurso de arquitetura e sua construção, que destaca a relação do conjunto com o Parque Treze de Maio, um dos principais espaços livres públicos da cidade. Também é disposta a análise projetual do objeto, concentrada nas escolas Sizenando Silveira, Sylvio Rabello, Cônego Rochael de Medeiros e o Jardim Ana Rosa Falcão de Carvalho, edificações que compunham originalmente o conjunto e que apresentam qualidades arquitetônicas significativas. Por fim, é exposto um panorama geral das transformações ocorridas no conjunto da época de sua construção aos dias atuais, alertando para a necessidade da preservação patrimonial.

PALAVRAS-CHAVE: arquitetura escolar; modernismo; conservação.

### RESUMEN

Este artículo busca analizar la actual sede del Instituto de Educación de Pernambuco, complejo educacional moderno situado en Recife-PE (Brasil), y las transformaciones que ha sufrido desde su inauguración. El complejo es un ejemplo notorio de la arquitectura de Pernambuco por combinar varios dispositivos para la adaptación de los principios universales de la arquitectura moderna a la realidad bioclimática regional, y promover de manera muy completa la integración de la arquitectura, el urbanismo y el paisajismo, dada su relación con el contexto urbano. Diseñado por los arquitectos Marcos Domingues y Carlos Corrêa Lima en 1956, el se enmarca en el contexto del período nacional-desarrollista, reflejando la visión de asignar a la arquitectura moderna el rol de herramienta de transformación social, en línea con la pedagogía emergente en el período y los esfuerzos para ofrecer una educación pública de calidad. El análisis parte de una breve contextualización de la historia de la institución, incluyendo la elección del sitio para la nueva sede, el concurso de arquitectura y su construcción, que destaca la relación del complejo con el Parque Treze de Maio, uno de los principales espacios libres públicos en la ciudad. También es dispuesto un análisis del proyecto arquitectónico del complejo, concentrado en las escuelas Sizenando Silveira, Sylvio Rabello, Cônego Rochael de Medeiros y el Jardim Ana Rosa Falcão de Carvalho, edificios que originalmente componían el conjunto y que tienen importantes cualidades arquitectónicas. Finalmente, se expone un panorama general de las transformaciones que han ocurrido desde el momento de su construcción hasta la actualidad, alertando sobre la necesidad de preservación del patrimonio.

PALABRAS CLAVES: arquitectura escolar; modernismo; conservación.

### ABSTRACT

This article seeks to analyze the current Education Institute of Pernambuco headquarters, a modern educational complex located in Recife-PE (Brazil), and the transformations it has undergone since its inauguration. The complex is a notorious example for architecture in Pernambuco for combining several artifices to adapt universal principles of modern architecture to the regional bioclimatic reality, and for promoting very well the integration of architecture, urbanism and landscaping, given its relationship with the surroundings. Designed by the architects Marcos Domingues and Carlos Corrêa Lima in 1956, it belongs within the context of the national-developmental period, reflecting the vision of assigning to modern architecture the role of a tool for social transformation, aligned with the emerging pedagogy of that time and the efforts to provide quality in public education. The analysis begins on a brief contextualization of the institution's history, including the choice of the site for the new headquarters, the architecture competition and the construction, which highlights the relationship of the complex with Treze de Maio Park, one of the main public free spaces in the city. It is also offers the design analysis of the complex, concentrated in the schools Sizenando Silveira, Sylvio Rabello, Cônego Rochael de Medeiros and Jardim Ana Rosa Falcão de Carvalho, buildings that originally composed the complex and have significant architectural qualities. Lastly, it is exposed a general view of the transformations that happened in the complex from its construction until the current time, alerting towards the need of heritage preservation.

KEYWORDS: school architecture; modernism; conservation.

Recebido em: 06/06/2021

Aceito em: 06/10/2021

## INTRODUÇÃO

O Instituto de Educação de Pernambuco (I.E.P.), complexo educacional moderno construído entre os anos de 1958 e 1962, é um exemplar significativo da arquitetura moderna pernambucana. O projeto surgiu em meio ao contexto do nacional-desenvolvimentista de meados do século XX, período marcado por políticas de fomento ao desenvolvimento acelerado do Brasil, com incentivos concentrados principalmente na economia nacional autônoma, sobretudo em atividades industriais. Seus efeitos foram perceptíveis em diferentes esferas, fazendo-se presente também na ampliação e modernização de ações educacionais como instrumento de transformação da sociedade com a criação de novas escolas públicas nas principais cidades brasileiras (LOUREIRO, 2000, pp.119-122). Formado por múltiplos blocos, o conjunto abriga os diversos níveis educacionais da instituição, integrados entre eles e inseridos de forma a dialogar com o Parque 13 de Maio, equipamento urbano adjacente de muita significância para o Recife, implementado em meados do século XX (LIMA, 1985, pp.96-97).

Apesar de sua proteção por intermédio da legislação municipal, através da Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural (DPPC), o Instituto vem sofrendo graduais transformações desde sua inauguração, acentuadas nas últimas décadas. Este estudo parte da inquietação a respeito das descaracterizações progressivas no conjunto, objeto de grande valor patrimonial e arquitetônico para a cidade do Recife. Isso se deve à falta de monitoramento da gestão do conjunto, a ausência de ações para sua conservação e o desconhecimento de vários de seus valores por parcela significativa da população local, apesar de estar situado em um bairro central e possuir grande potencial enquanto equipamento público.

Desta forma, o estudo tem como principal objetivo realçar os valores estéticos, sociais e espaciais que conformam o objeto como patrimônio arquitetônico significativo do Recife. Para tal, busca introduzir um breve histórico do objeto de estudo, analisar a arquitetura de sua sede e apontar as principais transformações arquitetônicas e urbanas ocorridas em seu domínio desde sua construção, como uma forma de contribuir para uma ação futura de conservação.

Sua fundamentação foi feita por meio de uma revisão bibliográfica voltada para a contextualização histórica e social do complexo, que contemplou as inovações em termos de políticas e concepções educacionais, a afirmação da produção do campo da arquitetura e urbanismo sobre o Instituto de Educação, com ênfase em seus elementos estéticos e construtivos e no programa arquitetônico. Foram revisados estudos sobre o complexo na conjuntura do modernismo pernambucano, relevantes para a construção de sua contextualização e para a identificação de eventuais lacunas dentro do tema.

Com exceção dos comentários de Edison Lima (1985) nas colunas da Folha da Manhã e Jornal do Commercio, no período entre 1956 e 1958, que compreende do anúncio da proposta da nova sede à construção dos primeiros blocos, o complexo só passou a ser objeto de especialistas poucos anos atrás. Freitas (2006) tratou do histórico da relação do complexo com o Parque Treze de Maio. Naslavsky (2012) e Costa (2008) analisaram o projeto do I.E.P. com foco na materialidade e composição dos edifícios, enquanto Loureiro (2000), Loureiro e Amorim (2002) analisaram o programa arquitetônico e relações espaciais, enfatizando a relação entre arquitetura moderna e educação. Uma abordagem similar foi feita por Silva (2012), em seu trabalho de educação sobre o Jardim de Infância Ana Rosa, que inclui considerações sobre o projeto e o programa. Por fim, Freire (2009a) e Brasileiro *et al.* (2011) abordaram o complexo do ponto de vista da conservação da arquitetura, sendo este último trabalho centrado apenas no Jardim Ana Rosa.

Apesar das importantes contribuições destas publicações, foi possível perceber uma escassez de estudos que contemplassem o conjunto como um todo, e que tratassem sobre suas claras relações materiais com a arquitetura moderna carioca, sua significância cultural e, de forma mais ampla, sobre seu atual estado de conservação propondo medidas para sua readequação física e funcional. Este artigo concentra-se na caracterização dos edifícios e em suas transformações, sendo parte de uma pesquisa mais ampla voltada para a identificação dos valores do conjunto e para a elaboração de diretrizes de intervenção que o tornassem mais capaz de responder às solicitações contemporâneas.<sup>1</sup>

O artigo se estrutura em três partes. A primeira aborda as relações entre políticas educacionais do período e a arquitetura moderna, iniciando com o contexto da educação no século XX e a criação da instituição precedente ao I.E.P., a Escola Normal Oficial de Pernambuco, para em seguida abordar o processo do concurso de arquitetura para a seleção da proposta da nova sede do Instituto de Educação, a escolha do terreno e sua relação com o Parque Treze de Maio.

A segunda parte oferece uma análise projetual em forma de estudo comparativo, focada nas edificações previstas no projeto que de fato foram construídas: as escolas Sizenando Silveira, Sylvio Rabello, Cônego Rochael de Medeiros e o Jardim de Infância Ana Rosa Falcão de Carvalho. Nesta etapa, opta-se por uma

análise comparativa com o objetivo de evidenciar possíveis influências projetuais de dimensões estéticas e funcionais, trazendo como parâmetros projetos de Oscar Niemeyer e Richard Neutra. São analisadas principalmente as escolhas de ordem formal, o programa arquitetônico em sua relação com a educação moderna e a tectônica das edificações.

Por fim, na terceira parte, são apontadas as principais transformações espaciais sofridas pelo complexo de sua inauguração aos dias atuais, com a introdução de novos volumes ao terreno e alterações na dinâmica urbana do contexto de sua inserção.

Espera-se que os dados e análises expostos no texto reforcem a relevância do conjunto do Instituto de Educação de Pernambuco enquanto exemplar da arquitetura moderna em Pernambuco da década de 1950. É necessário chamar atenção para a necessidade da educação popular acerca de seus atributos e valores, sendo ela essencial para a apropriação e conservação patrimonial, e para o reforço de ações de preservação que possibilitem a salvaguarda do bem para futuras gerações.

## ARQUITETURA MODERNA E EDUCAÇÃO: O IEP

A conexão entre modernização, educação e arquitetura exemplifica a transformação social do século XX, ao conceber novos parâmetros para o diálogo com a cultura da modernidade e seus respectivos avanços científicos que são traduzidos à arquitetura como a possibilidade de adequar sua linguagem programática e funcional às especificidades de um novo tempo. A arquitetura moderna promoveu uma nova linguagem que reinterpretava parâmetros modernos ao associá-los às características e expressões locais, e mais tarde foi instrumento para comunicar uma nova visão democrática e inovadora sobre a educação pública, por meio da fluidez dos espaços livres e de um programa arquitetônico diversificado.

O processo de modernização brasileiro, particularmente entre as décadas de 1920 e 1960, provocou muitas esperanças de desenvolvimento econômico e social e o debate sobre os rumos da educação teve um papel privilegiado nesse processo. Sendo a escola um ambiente de formação social, se fez necessária a adaptação do modelo educacional para atender às transformações fundamentais à civilização moderna. No Brasil, os avanços sociais seriam alcançados por meio de políticas públicas voltadas para as necessidades das massas, incluindo o ideal da educação popular de qualidade, posto em pauta entre as décadas de 1920 e 1930, período marcado por reformas educacionais em diversos estados brasileiros. Desta forma, seria possível o preparo da sociedade para um sistema democrático que exploraria potencialidades empíricas do indivíduo, em detrimento do modelo centrado nas elites que se fazia vigente (LOUREIRO, 2000, pp.119-120).

Em 1930, com o início do governo de Getúlio Vargas, foi criado o Ministério da Educação e Saúde Pública, então responsável pelas áreas de educação, saúde, esporte e meio ambiente. Poucos anos depois, ainda no início da década de 1930, houve um movimento de renovação do ensino conhecido como “Escola Nova”, que combatia as limitações na oferta de educação no Brasil (RIBEIRO, 1993, p.22-24). Os escolanovistas defendiam a reorganização do sistema escolar por meio do ensino leigo, universal e gratuito, na crença da reconstrução nacional por intermédio do humanismo científico-tecnológico. Esta ideologia incorporava a filosofia educacional de John Dewey, professor do Teachers College da Universidade de Columbia, em Nova York. O ideal do movimento era o favorecimento da integração social comunitária através da escola renovada, dentro da qual participação e diálogo social proporcionariam experiências reais para o processo educativo (CHAHIN, 2018, p.143).

Incorporando este ideário, o escolanovista Anísio Teixeira, aluno do Teachers College (1928-1929), teve um papel central nos debates educacionais no Brasil, fazendo com que os ideais da Escola Nova influenciassem as diretrizes para a educação nacional na Constituição de 1934, apesar destas não terem sido concretizadas (CHAHIN, 2018, p.139-140; RIBEIRO, 1993, p.22). Com a revogação desta constituição pelo Estado Novo, as políticas educacionais passaram a se concentrar no ensino básico, sendo o paradigma da escolarização vinculado ao programa de urbanização (CHAHIN, 2018, pp.170-171). O Ministério da Educação e Saúde se fortaleceu durante o período ditatorial sob comando do ministro Gustavo Capanema, que coordenou reformas educacionais no início da década de 1940, passando a adotar políticas educacionais que reestruturavam a duração dos ciclos escolares e introduziam um caráter mais rígido à educação secundária (RIBEIRO, 1993).

Sob o mandato provisório de José Linhares, em 1946, foram estabelecidas as Leis Orgânicas do Ensino Primário e Normal, instrumentos postos pelo Governo Federal com o fim de uniformizar o ensino em todo o território nacional. O modelo induziu a reformulação das escolas normais, surgidas no país a partir de 1830 para o preparo à docência, que passaram então a ser institutos de educação. Coube aos estados a

adaptação do decreto e administração das instituições de ensino seguindo estes moldes (NISKIER, 1989, apud LOUREIRO, 2000, p.124).

Com o restabelecimento da democracia e a Constituição de 1946, foi decretado o direito universal à educação e a obrigatoriedade do ensino primário, o que fez emergir um novo projeto social, originando campanhas para escolas públicas de qualidade que mobilizaram diversos grupos da sociedade brasileira (SIMÕES; FIGUEIRÔA, 2018, p.217). Em Pernambuco, foi a partir da segunda metade da década de 1950 que houve um maior investimento em instituições educacionais, com auxílio do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), dirigido por Anísio Teixeira. O apoio foi obtido pelo governador Cordeiro de Farias (1955-1958) para a abertura de diversas novas escolas no estado, sendo estabelecidos convênios entre o governo estadual e a União, por intermédio e fiscalização do INEP (SILVA, 2012, p.100).

Com a emergência da modernização e o apoio fiscal do INEP, coube então uma mudança no Instituto de Educação de Pernambuco para que este refletisse os novos processos políticos, econômicos e sociais que se sucediam diante de um novo modelo urbano-industrial. Esse conjunto de ideias se refletiu na arquitetura escolar por meio de medidas que incluíram a renovação do programa arquitetônico, incorporando espaços que previam uma vivência escolar dinâmica e moderna para a ruptura com a rigidez do prédio escolar tradicional, em consonância com as práticas pedagógicas do período. Com exceção da escola Alberto Torres de Luiz Nunes (1936) e de algumas escolas de Israel Feldman nos anos 1940, todas de pequena escala, inexistiam referências de escolas modernas com um programa tão extenso.

No ano de 1956, o governador de Pernambuco, Oswaldo Cordeiro de Farias, anunciou a nomeação de uma comissão para a concepção de uma nova sede para o Instituto de Educação de Pernambuco. Apesar da notoriedade da escola devido ao seu corpo docente, que incluía profissionais amplamente reconhecidos no meio acadêmico, existiam insuficiências de ordem quantitativa e qualitativa, e pretendia-se oferecer uma instituição voltada para a formação integral do indivíduo. Devido à ausência da figura de um arquiteto na comissão escolhida, foram tecidas críticas por parte do departamento pernambucano do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-PE), cujo posicionamento deixava claro a necessidade da realização de um concurso público para a seleção dos responsáveis pelo projeto, em resposta à especulação de um convite a algum arquiteto de notório saber para a construção da nova sede (SILVA, 2012, pp.90-99).

Diante da pressão do IAB-PE, as autoridades responsáveis voltaram atrás na decisão e foi anunciada a abertura de um concurso realizado pela Secretaria de Educação e Cultura, conquista que foi celebrada pelo IAB-PE devido à democratização das oportunidades e à perspectiva da contratação de profissionais locais (SILVA, 2012, p.97). O assunto foi amplamente discutido pelo departamento na mídia impressa; contudo, pouco se sabe acerca do regulamento do concurso, exceto solicitações como uma grande área de recreação, a integração do sistema de ensino, o atendimento à reforma educacional prevista e a possibilidade de utilização do espaço externo para atividades pedagógicas (FREIRE, 2009a, pp.5-8).

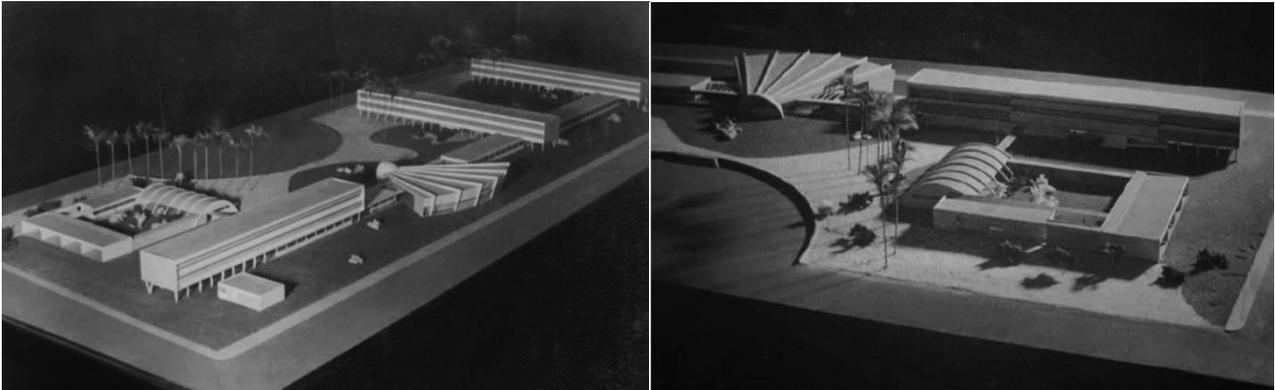
A proposta vencedora foi de autoria de Marcos Domingues (1928-2015) e Carlos Corrêa Lima (1928), arquitetos formados em 1954 pela Escola de Belas Artes de Pernambuco, seguidos pelo engenheiro Jorge Bezerra Martins, em segundo lugar, e o arquiteto Dilson Mota Neves, em terceiro, todos de Pernambuco. O projeto alcançou destaque em proporções significativas na mídia, sendo notícia em diversos jornais e revistas, até mesmo em âmbito internacional.<sup>2</sup> Segundo Silva (2012), os critérios pontuados para a seleção do projeto vencedor foram tráfego e circulação, funcionamento, forma plástica e economia.

A produção de Domingues trazia algumas referências ao método projetual dos mestres da Escola de Belas Artes. Era caracterizada por um interesse pelo resgate de atributos da arquitetura tradicional, tão frequente na produção de Delfim Amorim, e por uma busca pela funcionalidade arquitetônica, tão presente na obra de Mario Russo. Também é possível observar uma estima pela estética livre e orgânica e pela liberdade expressiva típicas da Escola Carioca, fatores que podem ser relacionados tanto à atuação de Acácio Gil Borsoi, arquiteto carioca que lecionava na escola, quanto à visibilidade nacional da produção moderna carioca no período de sua formação. Atribuía protagonismo aos materiais em seu processo projetual, utilizando suas dimensões como partido para a concepção do projeto, dedicando-se especialmente à estrutura e esquadrias. Já Carlos Corrêa Lima, com quem Marcos Domingues manteve sociedade por muitos anos, possuía amplo domínio técnico no detalhamento arquitetônico e aplicava princípios da arquitetura moderna junto a elementos construtivos e técnicas tradicionais da cultura luso-brasileira (COSTA, 2008).

A solução escolhida consistia em um conjunto composto por quatro edifícios escolares, destinados a diferentes níveis de educação, e um auditório. Os prédios se destacavam pelo predomínio da dimensão horizontal, uma atitude projetual que buscava consonância com a paisagem do Parque 13 de Maio, na qual o terreno se inseria. Esta integração foi reforçada pelo direcionamento das fachadas ao parque, que

proporcionou novas visadas ao complexo, e pelo aproveitamento da vegetação e paisagismo preexistentes (Figura 1) (FREIRE, 2009a, pp.5-6).

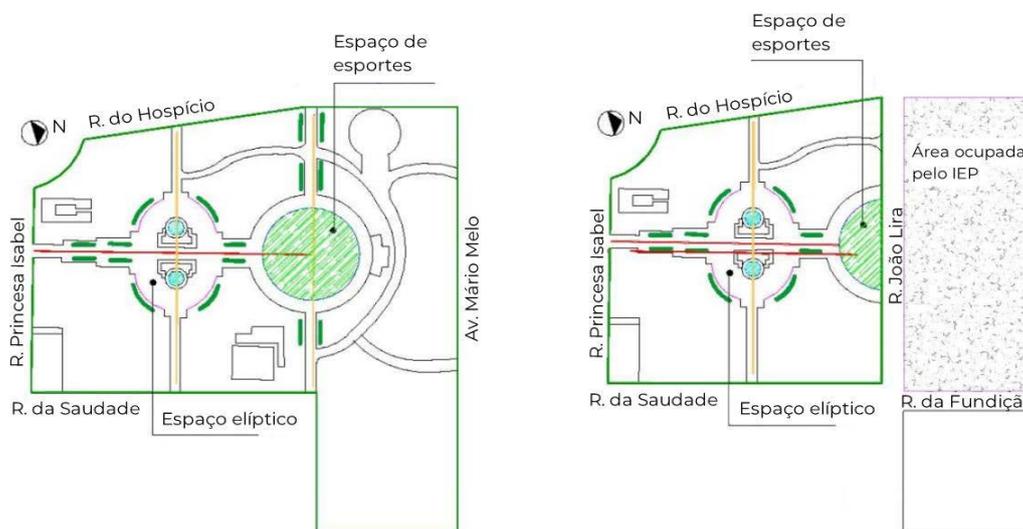
Figura 1: Maquete do projeto vencedor do concurso para o Instituto de Educação de Pernambuco.



Fonte: Lima (1985).

Ao enfatizarem esta integração entre espaços, os arquitetos possivelmente levaram em consideração a dinâmica de apropriação já existente: alunos de instituições de ensino do entorno do parque costumavam utilizar a área como local para festividades, manifestações e para o convívio social cotidiano (FREITAS, 2006). A Figura 2 ilustra a área do Parque em 1939, quando de sua inauguração, com o acesso principal ladeado pela Escola Normal e por um conjunto de casarões. O local onde se situava o pavilhão temporário viria a sediar o I.E.P. mais à frente<sup>3</sup>.

Figura 2: Levantamento planimétrico do Parque 13 de Maio, de 1964.



Fonte: Freitas (2006).

Este tipo de planejamento que prevê o engajamento comunitário é característico da arquitetura escolar moderna, cuja implantação toma protagonismo ao possibilitar que o edifício deixe de ser visto de maneira isolada ao se abrir à paisagem e à sociedade mais convidativamente. Tal atributo favorece a inserção do Instituto ao contexto urbano ao tratá-lo como parte integrante do meio, sem restringi-lo estritamente nos limites de seu terreno. A noção da fachada como elemento de fronteira com o meio externo é diluída em um espaço convidativo e com maior integração com a cidade.

## ANÁLISE PROJETUAL

A proposta originalmente sugerida pelos arquitetos consistia em um conjunto formado pelo Instituto de Educação (antiga Escola Normal e atual Escola Sylvio Rabello), a Escola de Aplicação (Escola Sizenando Silveira), o Pavilhão de Puericultura (Escola Cônego Rochael de Medeiros), o jardim de infância e um auditório com capacidade para 1.500 pessoas, com o total de área construída próximo a 10.000 m<sup>2</sup> (LIMA, 1985, p.97). Os dois primeiros volumes foram dispostos paralelamente e conectados por um bloco linear em pilotis, estando o auditório no centro da implantação, em frente à área semicircular destinada à prática de esportes. No lado direito do terreno, o pavilhão e o jardim de infância confirmam a setorização do projeto — a educação formal, as atividades comunais e a área infantil (Figura 3).

Figura 3: Setorização da implantação do Instituto de Educação de Pernambuco.

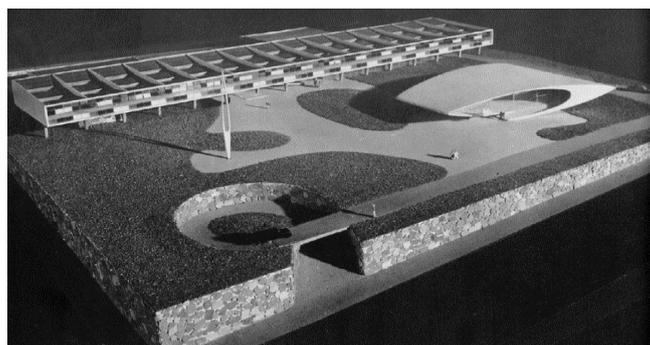


Fonte: Os autores (2021).

A década de 1950 trouxe destaque nacional à atuação de Oscar Niemeyer, cujas propostas notáveis influenciaram os arquitetos locais, de forma que é possível identificar no projeto do Instituto de Educação algumas similaridades compositivas e formais com elementos de seu repertório pré-Brasília. Por este motivo, esta análise busca encontrar elementos comuns entre o projeto do I.E.P. e estratégias compositivas utilizadas na produção projetual de Niemeyer. Apesar desses artifícios terem sido também utilizados por outros arquitetos de sua mesma geração, a análise restringiu-se ao repertório de Niemeyer por ser mais representativo e propício em relação ao objeto de estudo e pela influência que sua obra teve nos meios locais.

Partindo da implantação, assim como em diversos projetos do modernismo carioca, os volumes são interligados através de um tratamento paisagístico com agenciamento mais livre por meio de curvas. Esse tratamento contrasta com a ortogonalidade dos blocos do complexo, que busca igualmente dialogar com o desenho do Parque 13 de Maio. Esta aproximação da linguagem carioca pode ser exemplificada pela Escola Estadual Milton Campos (Belo Horizonte, 1954), projeto pouco anterior ao Instituto de Educação de Pernambuco que, assim como ele, utiliza o agenciamento com curvas como forma de conectar os volumes, a contraposição de volumes abrigando diferentes funções, entre outras semelhanças que podem ser observadas comparando o projeto mostrado na Figura 4 a seguir ao projeto da Figura 1, disposta anteriormente. Esta escola de Niemeyer foi escolhida por ser, até então, a mais complexa em termos de programa e em termos formais de uma linha que envolveu a Escola Secundária em Corumbá-MS (1953), a Escola Julia Kubitschek em Diamantina-MG (1951) e a Escola de Cataguases-MG (1946).<sup>4</sup>

Figura 4: Maquete da Escola Estadual Milton Campos, de Oscar Niemeyer, 1954.

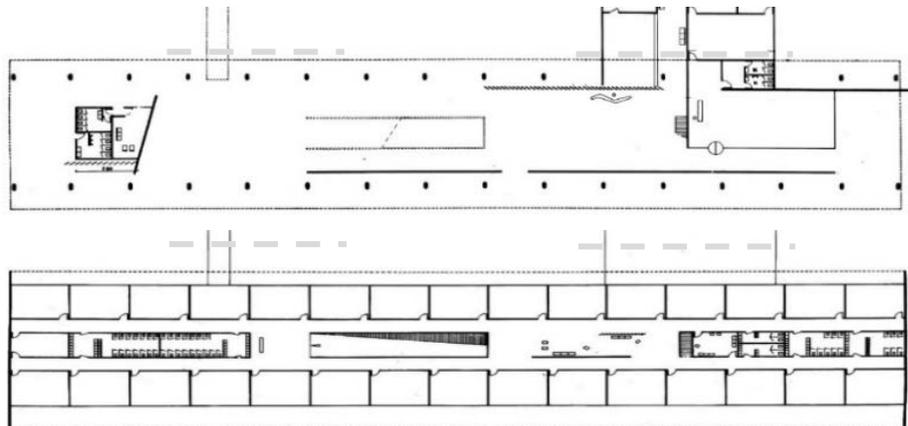


Fonte: Stamo Papadaki, 1956, p.154.

Nos volumes conjugados atualmente denominados Escola Sylvio Rabello e Escola Sizenando Silveira, concluídos em 1962, é perceptível uma aproximação programática e formal com a linguagem adotada por Niemeyer nos projetos escolares. A volumetria e a implantação do Instituto de Educação trazem estratégias comumente utilizadas em suas obras, como a contraposição de formas puras para o programa primário da edificação e um volume orgânico em casca — utilizando a terminação estabelecida por Mahfuz (1987). A casca de forma livre destinada ao auditório separa o uso especial do corriqueiro, sistematizando o programa funcionalmente e criando um jogo estético com os volumes do conjunto.

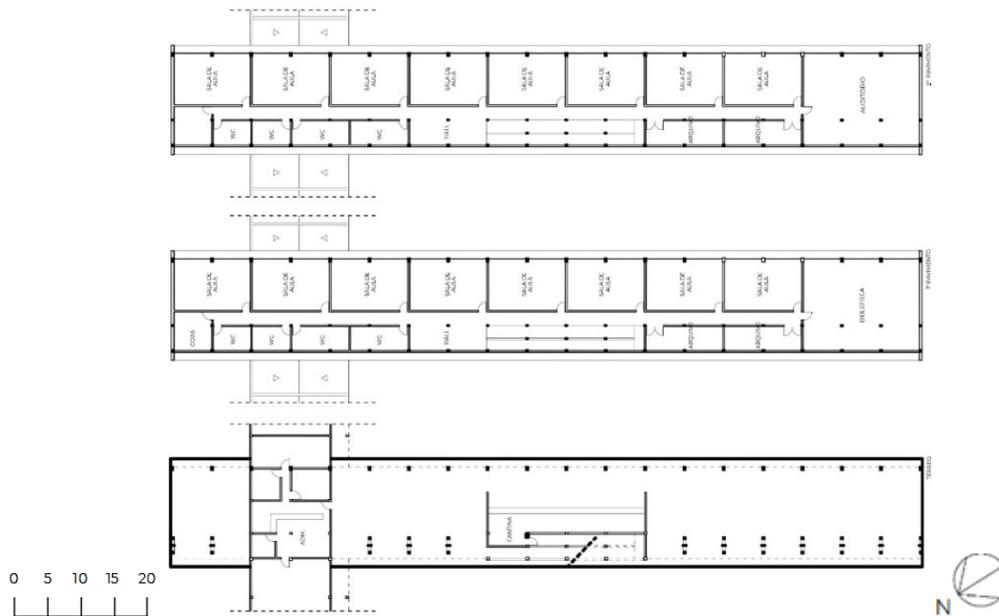
O programa original das duas escolas contém, cada, trinta salas de aula, administração, auditório, laboratórios, cantina e jardins, sofrendo acréscimos na década de 1970 (COLÉGIO, 2013). As lâminas de três pavimentos comportam o programa formal e são interligadas por um bloco horizontal contendo laboratórios, vestiários e administração. Ambos os blocos possuem o térreo livre em pilotis, com uma rampa central para acesso aos pavimentos superiores, que comportam o programa da edificação. No projeto pernambucano, assim como na E. E. Milton Campos, o programa é relativamente básico, composto por salas de aula, biblioteca, arquivo, sanitários, copa e administração. Nas duas escolas, o corredor foi centralizado, contrariando a adoção frequente do corredor periférico no modernismo, uma atitude que se deve provavelmente à priorização da ventilação e iluminação natural nos ambientes internos (Figuras 5 e 6).

Figura 5: Plantas baixas do térreo e primeiro pavimento do bloco principal da Escola Estadual Milton Campos, de Oscar Niemeyer.



Fonte: Stamo Papadaki, 1956, p.156 e 157.

Figura 6: Plantas baixas do térreo, primeiro e segundo pavimento das escolas Sylvio Rabello e Sizenando Silveira.

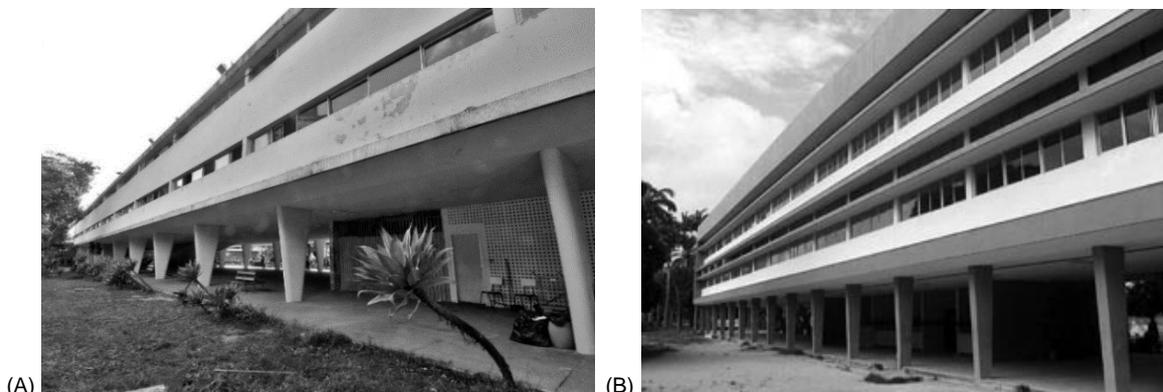


Fonte: Adaptado de Freire (2009a).

Ademais, é perceptível a semelhança na linguagem do bloco que concentra o programa básico da Escola Estadual Milton Campos e do Instituto de Educação, que apresentam proporções similares, predominando em ambos a dimensão horizontal, atenuada pelo emprego de pilotis recuados que sugerem maior leveza ao sólido. Tanto na escola de Belo Horizonte quanto no I.E.P., são utilizados pilares trapezoidais perpendiculares à fachada. No entanto, o projeto de Niemeyer apresenta uma diferença evidente das dimensões da base maior e da base menor dos elementos, ritmo mais espaçado entre eles e acabamento abaulado nas arestas (Figuras 7 e 8).

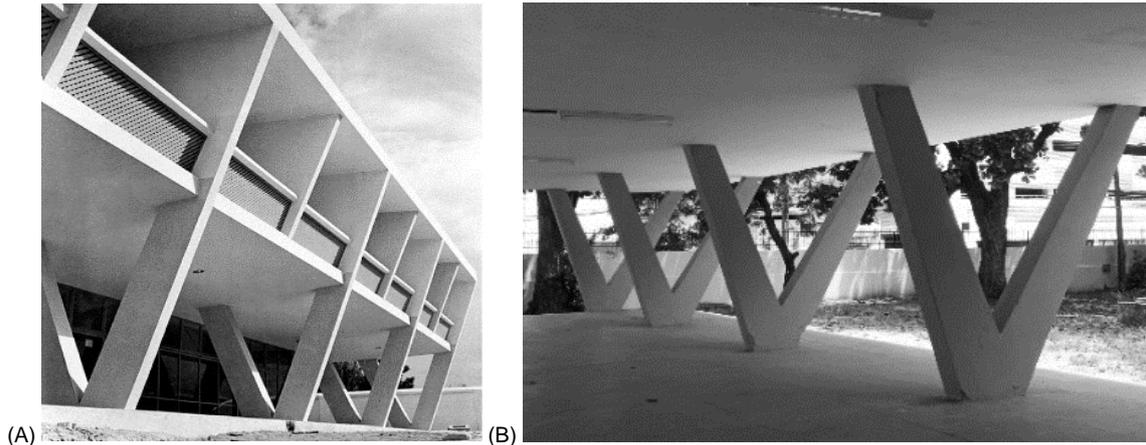
Outro elemento presente na estrutura do I.E.P. que já havia sido utilizado no repertório de Oscar Niemeyer é o pilar em “V”, quase idêntico ao empregado no Hotel Tijuco, de Diamantina, do ano de 1951. No projeto do Instituto, se aplica a sutil redução da seção do pilar à medida que se aproxima da laje suspensa, imprimindo maior leveza à estética do volume. Contudo, são atribuídas funções estruturais diferentes entre os dois projetos: enquanto o pilar do projeto de Niemeyer se prolonga para marcar as paredes divisórias no pavimento superior, integrando a composição da fachada entre os dois níveis, o Instituto utiliza a estrutura em V para conciliar a transição entre os pilotis e os pilares dos andares superiores, reduzindo o número de apoios no térreo enquanto estes são distribuídos nas plantas superiores (FREIRE, 2009a, p.8) (Figuras 9 e 10).

Figuras 7 e 8: Escola Milton Campos e Escola Sizenando Silveira, respectivamente.



Fontes: (A) ArchDaily Brasil<sup>5</sup> e (B) Costa (2008).

Figuras 9 e 10: Pilotis do Hotel Tijuco e do Instituto de Educação, respectivamente.



(A)

(B)

Fontes: (A) Fundação Oscar Niemeyer<sup>6</sup> e (B) Os autores (2021).

São adotadas, ainda, estratégias bioclimáticas no projeto do Instituto de Educação, a exemplo dos *brises-soleil* presentes na composição da fachada oeste, protegendo o interior da insolação no período da tarde ao filtrar a luz solar, enquanto se recebe a ventilação natural. Essa solução foi utilizada no Palácio da Agricultura, projeto de Niemeyer de 1953 para o Parque Ibirapuera. Em ambos os projetos, os pavimentos são marcados através das lajes aparentes na fachada, alternadas pelos *brises-soleil*, que no I.E.P. estão ligeiramente recuados em relação ao primeiro plano e apresentam um espaçamento vertical que lhes atribui aspecto de suspensão (Figuras 11 e 12).

Figuras 11 e 12: Palácio da Agricultura e Escola Sizenando Silveira, respectivamente.



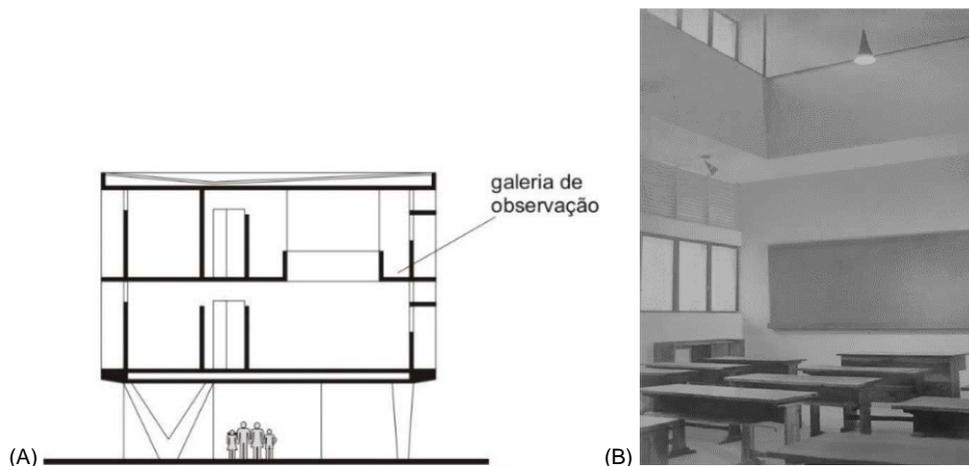
(A)

(B)

Fontes: (A) ArchDaily Brasil<sup>7</sup> e (B) Os autores (2021).

A arquitetura da Escola Cônego Rochael de Medeiros expressa com clareza as ideias pedagógicas modernas por meio de um programa arquitetônico que se volta com mais atenção aos espaços didáticos e recreativos, aliando a expressão da teoria pedagógica moderna à linguagem arquitetônica moderna em desenvolvimento no estado. Seu pavimento térreo é destinado ao recreio, administração, cantina e serviços médicos, enquanto o primeiro pavimento contém salas de aula, museu didático e sala de trabalhos manuais — ambiente que remonta ao programa das escolas parque de Anísio Teixeira<sup>8</sup>. No segundo pavimento se sobressaem a biblioteca e as galerias de observação (Figuras 13 e 14); segundo Loureiro e Amorim (2002), estas últimas eram localizadas em uma galeria no pavimento superior às salas de aula e serviam para a supervisão e avaliação do desempenho das professoras em formação.

Figuras 13 e 14: Galerias de observação da Escola Cônego Rochael de Medeiros.



Fontes: (A) Loureiro (2000) e (B) Freire (2009a).

Por fim, o Jardim de Infância Ana Rosa Falcão de Carvalho se sobressai como um dos edifícios mais simbólicos do Instituto de Educação, representando a inovação da arquitetura escolar moderna ao associar elementos da pedagogia de Dewey, Montessori e Fröbel. As protagonistas do espaço do jardim de infância são as áreas recreativas: o playground e o recreio coberto (Figuras 15 e 16). Em torno do núcleo formado pelos dois espaços se organizam os ambientes didáticos e administrativos; quatro conjuntos de salas de aula, cada um com sanitário, guarda-volumes e vestíbulo (LOUREIRO, 2000).

Figuras 15 e 16: Espaço do recreio coberto do Jardim de Infância Ana Rosa.



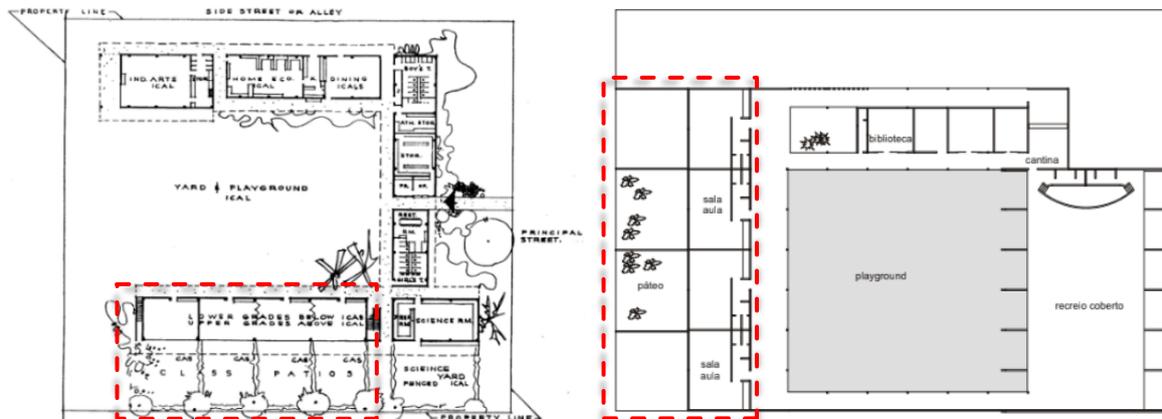
Fontes: (A) Freire (2009) e (B) Os autores (2021).

O Jardim de Infância Ana Rosa apresenta soluções semelhantes às introduzidas pelo arquiteto austro-americano Richard Neutra, marcantes por sua funcionalidade e adequação às necessidades do usuário. Loureiro e Amorim (2002) sugerem como os principais eixos de influência de Neutra a concepção do projeto de forma integral; a organização espacial em setores funcionais; a adequação climática, fazendo uso de amplas aberturas e sombreamentos; e a técnica construtiva, que parte da modulação e racionalização da estrutura para uma pré-fabricação de baixo custo e manutenção.

Apesar de Marcos Domingues ter afirmado em entrevista que não se referenciou nos projetos de Neutra, é inegável que podem ser identificadas soluções comuns, que talvez possam ter vindo de forma indireta. O elemento mais característico na arquitetura escolar de Richard Neutra explorado no projeto recifense foi a disposição das salas de aula abrindo-se diretamente para os jardins, através de grandes portas pivotantes ou corrediças, possibilitando que o ensino e a aprendizagem se desenvolvam a partir do interior até o espaço exterior, como nos seus projetos de escolas na Califórnia e em Porto Rico (NEUTRA, 1948) (Figura 17). O artifício flexibiliza o espaço escolar sem solicitar alterações estruturais, se mostrando uma alternativa versátil e econômica para adaptar a escola às eventuais novas demandas. Neutra defendia a ampla abertura para o pátio através do argumento do aumento da renovação de ar por minuto, favorecendo a salubridade das salas de aula. Quando empregada no térreo, a solução permite a adoção do espaço para

reuniões, apresentações teatrais, sessões cinematográficas e demais atividades comunais (NEUTRA, 1948, p.62).

Figura 17: Integração das salas primárias com o pátio na escola urbana de oito salas de aula, projeto de Neutra, 1948, e no Jardim de Infância Ana Rosa Falcão de Carvalho, 1958, respectivamente.



Fonte: Loureiro (2000).

Um outro atributo da arquitetura de Neutra utilizado no projeto foi a substituição do corredor interno de salas pela passagem em contato com a área externa, gerando maior dinamismo em um local de trato geralmente residual, ao transformá-lo em agente de integração de espaços. Os conceitos de Neutra têm base no biorrealismo da psicologia experimental, por meio do qual a arquitetura deve ser associada ao bem-estar físico e mental. Neutra acreditava que o ser humano, como um organismo oriundo da natureza, deve construir um habitat para si de forma harmônica com esta. Para ele, a arquitetura deve ser como a pele de nosso corpo que faz a mediação entre a natureza lá fora e nossos sentidos aqui dentro: “nós precisamos aprender a estimar o constante fluxo entre interior e exterior, que é a nossa própria vida” (NEUTRA, 1954, p. 151). Assim, ele valorizava boa luminosidade, ventilação e visibilidade como fundamentais para o processo educacional, bem como o contato com a natureza, que seria importante para a formação infantil e para a realização de procedimentos pedagógicos dinâmicos (LOUREIRO; AMORIM, 2002).

Colaborações significativas da arquitetura escolar no modernismo carioca foram aproveitadas na produção nacional, incorporando soluções formais também trazidas para Pernambuco por meio da atuação de arquitetos peregrinos e da adoção de estratégias projetuais pelos profissionais locais. Entre os principais artifícios utilizados estão a comunicação com ambientes externos através de pilotis, promovendo a liberação do térreo, aspecto positivo também pelo aumento da área de iluminação e ventilação natural; a integração com o paisagismo; a incorporação de um repertório de soluções plásticas nas fachadas, que incluía janelas em fita e *brises-soleil*; e a divisão do programa em múltiplos volumes.

O projeto do Instituto de Educação apresenta significativa expressão da linguagem moderna em termos estéticos, programáticos e funcionais. A setorização de sua implantação enquanto complexo e intenção original de divisão de espaços formais em volumes puros e espaços livres em formas orgânicas se assemelham às estratégias projetuais comuns à arquitetura da escola carioca, entre outras similaridades do repertório de uma produção que recebeu grande visibilidade nacional e internacionalmente. O projeto ainda toma partido da proximidade do Parque Treze de Maio para estabelecer uma rica relação entre espaço institucional e espaço público, característica comum à arquitetura moderna brasileira. Em uma análise mais detalhada, é possível perceber o alinhamento da arquitetura com a emergência das novas noções pedagógicas no período moderno, por meio da incorporação de um programa arquitetônico que se relacionava ao ideal de uma educação mais dinâmica, e de elementos projetuais que possibilitavam maior flexibilização do espaço da sala de aula e sua relação com o meio externo.

## TRANSFORMAÇÕES URBANAS E ARQUITETÔNICAS (1958-2021)

Em 1997, o Instituto de Educação de Pernambuco foi reconhecido pela legislação municipal como um Imóvel Especial de Preservação, classificação que, de acordo com o capítulo I, art. 2º da Lei Orgânica Municipal nº 16.284/1997, engloba “exemplares isolados, de arquitetura significativa para o patrimônio histórico, artístico e/ou cultural da cidade do Recife, cuja proteção é dever do Município e da comunidade,

nos termos da Constituição Federal e da Lei Orgânica Municipal.” (RECIFE, 1997). Originalmente, foram delimitadas dentro dessa classificação as sedes das escolas Sylvio Rabello, Sizenando Silveira e Valdemar de Oliveira. Recentemente, no ano de 2020, houve a atualização do Plano Diretor Municipal, ampliando a classificação para todo o perímetro edificado do conjunto do I.E.P., acréscimo bastante positivo para a preservação da sede do Instituto enquanto conjunto arquitetônico.

Antes desta última atualização que ampliou a proteção conferida à sede do I.E.P., o conjunto passou por uma série de transformações que são comuns à arquitetura com o efeito do passar dos anos, ocasionadas por fatores internos ou externos à construção. Os internos podem ser associados ao surgimento de novos usos nas edificações, inserção de novos volumes ou falta de manutenção. Podem também derivar da inadequação de materiais ou elementos construtivos, problemas nas soluções do projeto, detalhamentos mal especificados, falhas na execução das construções. Já os fatores externos podem ser modificações de contexto urbano, exigências de alterações físicas ou de funcionamento para que o bem continue em uso.

As renovações sofridas também tendem a refletir as mudanças da cidade, os usos predominantes no contexto no qual se insere e as novas expectativas sobre o determinado espaço. No caso do conjunto do Instituto de Educação de Pernambuco, um dos principais pontos da transformação de sua relação com a dimensão externa foi a separação do Parque 13 de Maio, ocasionada pela implantação da Rua João Lira<sup>9</sup>, principal motor para um gradual isolamento do complexo de seu contexto urbano, como pôde ser visto anteriormente na Figura 2.

Mudanças internas também aconteceram, a exemplo da criação de novos volumes no terreno e de complementações dos espaços já existentes para comportar as novas atividades e aumento da comunidade escolar. As adequações são naturais e mesmo desejáveis para a conservação do uso original do edifício, no entanto, se tornam um problema quando realizadas de maneira pouco responsável, comprometendo a autenticidade do bem.

Atualmente, os volumes previstos no projeto que chegaram a ser construídos continuam a atender o uso escolar: as escolas Sylvio Rabello e Sizenando Silveira, destinadas ao Ensino Médio; a Escola Cônego Rochael de Medeiros, que abriga o Ensino Fundamental; e o Jardim de Infância Ana Rosa Falcão de Carvalho, de ensino infantil. Alguns deles são dispostos para modalidades de ensino diferentes do planejado — adequações que resultaram em novos usos do programa arquitetônico —, o que é relacionado às atribuições das instâncias às quais pertencem e às demandas da comunidade. Houve a separação dos edifícios por questões administrativas; se no período de idealização do projeto do I.E.P. a responsabilidade de gerenciar o conjunto cabia unicamente ao Governo Estadual, facilitando a integração dos espaços, as novas atribuições sobre os diferentes níveis escolares tornam menos viável o livre acesso no complexo, que passou a ser murado internamente.

Em 1970, foi adicionada no terreno a Biblioteca Pública do Estado, projeto de Maurício de Castro e Reginaldo Esteves. Apesar deste edifício também constituir um exemplar de destaque da arquitetura moderna pernambucana, ele modificou a relação visual entre o complexo e o parque e rompeu a comunicação entre o paisagismo do Instituto e do espaço público através da perda do semicírculo que complementava seu desenho (Figura 18). Outra modificação significativa foi a substituição das portas pivotantes do Jardim de Infância, primeiramente por janelas fixas, depois correções, e portas convencionais, eliminando assim uma característica fundamental do projeto que era a tão almejada integração entre interior e exterior (Figura 19).

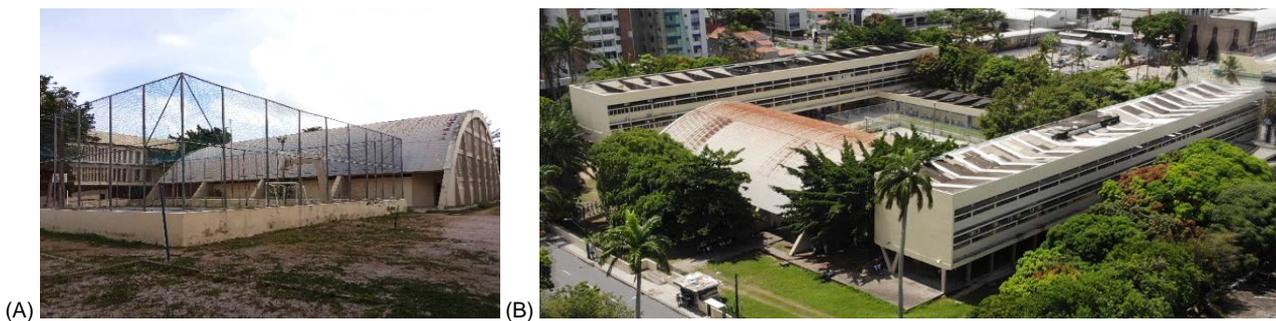
Figuras 18 e 19: Transformações no conjunto do I.E.P.: construção da biblioteca e substituição de esquadrias no Jardim Ana Rosa.



Fontes: (A) Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco<sup>10</sup> e (B) os autores (2010)

Dos volumes previstos no projeto, o auditório não chegou a ser construído, perda apontada como prejudicial à avaliação final do conjunto, pois sua forma orgânica, junto aos pilares em V e *brises-soleil*, figurariam entre as estratégias compositivas mais comuns ao repertório da arquitetura moderna brasileira na década de 1950 (NASLAVSKY, 2012). Em seu lugar, foi disposta a Escola Valdemar de Oliveira, concluída em 1975. Por fim, durante a década de 80 foram adicionadas duas quadras esportivas entre as escolas Sylvio Rabelo e Sizenando Silveira, uma descoberta e uma coberta, que prejudicam a leitura visual pretendida no projeto do Instituto de Educação (Figuras 20 e 21) (FREIRE, 2009a). A quadra coberta apresenta pouca qualidade arquitetônica e não dialoga com os volumes pré-existentes. É marcante sua solidez extrema e permeabilidade visual quase inexistente, em oposição ao térreo livre em pilotis característico dos demais volumes, bem como a adoção de um volume de dimensões desproporcionais às edificações pré-existentes, com uma implantação que desfavorece a leitura do conjunto.

Figuras 20 e 21: Impacto das quadras esportivas na leitura do conjunto.



Fontes: (A) Os autores (2020) e (B) Fonte: Google Maps (2021).

O esquema a seguir (Figura 22) ilustra a transformação espacial do I.E.P. do projeto à situação atual, considerando adições em sua volumetria e a implantação da via que o separa do Parque Treze de Maio:

Figura 22: Transformação espacial do complexo do Instituto de Educação de Pernambuco.



□ Elementos previstos no projeto    □ Adições posteriores ao conjunto

Fonte: Os autores (2021).

Com o surgimento de novas políticas educacionais, a dimensão interna dessas escolas também passou por transformações que despertaram a necessidade de maior oferta de espaços de convivência, recreação e laboratórios. A ausência de diretrizes para a adequação da arquitetura escolar às novas demandas vem ocasionando desde então uma série de adaptações sem o auxílio de profissionais capacitados. Como resultado, os usuários dessas escolas são privados de alguns ambientes de convivência nos horários livres e de locais adequados para a prática das novas atividades, como nas escolas Sylvio Rabelo, Sizenando Silveira e Cônego Rochael, cujas áreas destinadas ao recreio coberto cederam espaço aos novos refeitórios, não previstos em projeto. Alocando esse uso em um espaço facilmente acessível ao público,

surgiram também problemas de segurança que resultaram na instalação de grades, terminando de romper com a permeabilidade visual original do terreno.

As transformações sofridas interna e externamente pelo conjunto ao longo das últimas décadas apresentam ameaças à noção de sua integridade e à sua autenticidade. O isolamento das escolas e a ausência de um esclarecimento de ordem estética ao usuário de quais edificações pertencem ao projeto original e quais foram adicionadas a posteriori são fatores que possibilitam a ressignificação da noção de conjunto por parte da população, de modo que seus valores acabam sendo parcialmente ocultos por esta fragmentação. Apesar de ser bastante difícil a preservação da arquitetura em suas condições ideais, devido à necessidade de acompanhamento das transformações urbanas e sociais, é desejável que as mudanças aplicadas sejam sensíveis às qualidades do edifício.

## CONCLUSÕES

O projeto do Instituto de Educação de Pernambuco simbolizou a assimilação de novos paradigmas na arquitetura moderna no estado, bem como a perspectiva de avanços educacionais. A incorporação exitosa das teorias pedagógicas em discussão no programa arquitetônico e em suas soluções formais, estas tendo como referências as experiências modernas que vinham sendo desenvolvidas no país pelos grandes nomes da Escola Carioca, demonstram o valor do objeto tanto para a arquitetura quanto para a educação do estado, do seu contexto histórico aos dias de hoje.

Diante de evoluções urbanas e sociais, o conjunto se consolidou como um processo sensível ao longo do tempo, adequando-se a novas funções e solicitações, algo que ocorre naturalmente a todo edifício que se mantém em uso. Parte destas transformações proporcionaram mudanças na dinâmica de sua relação com a cidade, e em especial, com o Parque Treze de Maio, com a introdução de novos volumes e alteração de atributos originais do complexo. Além disso, sendo um exemplar da arquitetura moderna pensado para sua época, alguns de seus aspectos não mais respondem ao que se é exigido de um prédio escolar. Intervenções pouco elaboradas podem romper com os aspectos mais importantes da proposta, causando danos a sua funcionalidade ou sua percepção, portanto é necessária a identificação e afirmação de seus valores para que estes possam permanecer diante de novas intervenções.

Do ponto de vista arquitetônico, alguns elementos se sobressaem como objetos de maior valor material nas edificações do complexo, que integra de forma ímpar as dimensões da arquitetura, urbanismo e paisagismo. Podem ser destacadas sua horizontalidade e leveza em consonância com a relação com o Parque Treze de Maio, a promoção de ampla iluminação e ventilação natural, a fluidez entre espaços internos, reforçada pelas áreas livres e pelo uso de rampas como circulação vertical, a utilização de soluções do repertório moderno brasileiro da década de 1950 e o bom estado de conservação de alguns dos elementos originais que conferem autenticidade ao conjunto. Devem ser considerados ainda aspectos sociais, culturais e simbólicos, tendo em vista seu alcance na educação municipal e caráter enquanto espaço de encontro, reforçando a necessidade de sua valorização e conservação enquanto patrimônio do Recife.

O estudo possibilitou a contextualização do objeto em meio às transformações sociais decorrentes da modernidade e seus impactos na arquitetura e na educação, revelando a singularidade do projeto da sede do Instituto de Educação de Pernambuco enquanto símbolo do modelo pedagógico moderno no estado. Sua análise projetual destacou alguns dos atributos estéticos e tectônicos mais relevantes do I.E.P. e os diálogos que estes estabelecem em relação à produção nacional do período, no intuito de reforçar o valor do conjunto enquanto exemplar representativo da arquitetura moderna em Pernambuco, sendo provavelmente o mais significativo da tipologia escolar da década de 1950. A última parte, correspondente às principais transformações ocorridas desde a sua construção, ofereceu uma visão geral acerca da evolução do conjunto e suas respostas às mudanças sociais e urbanas de sua área, vistas de forma clara na região central do Recife, cuja dinâmica sofreu alterações com o processo de expansão urbana da cidade. A colaboração cumpre seu objetivo inicial de divulgar os atributos e valores do conjunto, reforçar a necessidade de ações de preservação de seu patrimônio e preencher algumas das lacunas identificadas nas publicações centradas no objeto de estudo devido à frequente fragmentação do complexo em suas unidades individuais.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE JUNIOR, N., SAMPAIO, G., OTREMBIA, G., ALBAN, P. *Diógenes Rebouças: cidade, arquitetura, patrimônio*. Salvador: UFBA, 2016

BRASILEIRO, C. F. L.; NÓBREGA, L.; PINTO, F.; SIQUEIRA, R. Plano de Conservação: Jardim de Infância Ana Rosa Falcão de Carvalho. In: *9º seminário Docomomo Brasil, 2011, Brasília. Interdisciplinaridade e experiências em*

documentação e preservação do patrimônio recente. Brasília: UnB-FAU, 2011.

CHAHIN, S. B. *Cidade nova, escolas novas? Anísio Teixeira, arquitetura e educação em Brasília*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). São Paulo, 2018. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

COLÉGIO Estadual Central será revitalizado. *Jornal Estado de Minas*, Belo Horizonte, 13 jun. 2013. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2013/06/13/interna\\_gerais,405165/colégio-estadual-central-sera-revitalizado.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2013/06/13/interna_gerais,405165/colégio-estadual-central-sera-revitalizado.shtml). Acesso em 20 jul. 2020.

COSTA, A. A. A. A produção arquitetônica moderna dos primeiros discípulos de uma Escola. *Arquitextos*, São Paulo, ano 09, n. 098.05, Vitruvius, jul. 2008.

FIGUEIRÔA, A. P. R. *O Instituto de educação de Pernambuco em sua primeira década (1946 a 1955). Em cena: as práticas das atividades físicas nas memórias das Normalistas*. Dissertação (Mestrado em Educação). Recife, 2012. Universidade Federal de Pernambuco.

FREIRE, A. Descaracterização do Instituto de Educação de Pernambuco. In: *IV Projetar 2009. Projeto como investigação: ensino, pesquisa e prática*, São Paulo: Alter Market, 2009a.

FREIRE, A. Marcos Domingues. Sentimento estético revelado. *AU. Arquitetura e Urbanismo*, v. Ano 24, p. 55-59, 2009b.

FREITAS, C. *O Parque 13 de Maio na modernização do Recife*. Recife, 2006. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano). Universidade Federal de Pernambuco.

LIMA, E. *Modulando. Notas e Comentários. Arquitetura e Urbanismo*. Recife: Fundação da Cultura do Recife, 1985.

LOUREIRO, C.; AMORIM, L. Por uma arquitetura social: a influência de Richard Neutra em prédios escolares no Brasil. *Arquitextos*, São Paulo, ano 02, n. 020.03, Vitruvius, jan. 2002.

LOUREIRO, C. *Classe, controle, encontro: o espaço escolar*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). São Paulo, 2000. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - FAU, Universidade de São Paulo.

MAHFUZ, E. C. O clássico, o poético e o erótico. *AU. Arquitetura e Urbanismo*. São Paulo, n.15, p. 28-35, 1987.

MIGLIANI, A. Clássicos da Arquitetura: Escola Estadual Milton Campos / Oscar Niemeyer. *ArchDaily Brasil*, 2014. Disponível em: [https://www.archdaily.com.br/br/755023/classicos-da-arquitetura-escola-estadual-milton-campos-oscar-niemeyer?ad\\_medium=gallery](https://www.archdaily.com.br/br/755023/classicos-da-arquitetura-escola-estadual-milton-campos-oscar-niemeyer?ad_medium=gallery). Acesso em: 06 mai. 2020.

NASLAVSKY, G. *Arquitetura moderna no Recife, 1949-1972*. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife, 2012. v. 01.

NEUTRA, R. J. *Arquitetura social em países de clima quente / Architecture of Social Concern in Regions of Mild Climate*. Introdução de Gregori Warchavchik. São Paulo, Gerth Todtmann, 1948.

NEUTRA, R. J. *Survival Through Design*. New York: Oxford University Press, 1954.

PAPADAKI, S. *Oscar Niemeyer: Works in Progress*. New York: Reinhold Publishing, 1956.

PEREIRA, M. Clássicos da Arquitetura: As Arquiteturas do Parque Ibirapuera / Oscar Niemeyer. *ArchDaily Brasil*, 2018. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/898302/classicos-da-arquitetura-as-arquiteturas-do-parque-ibirapuera-oscar-niemeyer>. Acesso em: 06 mai. 2020.

RECIFE. Lei Orgânica Municipal Nº 16.284 de 1997. *Imóveis Especiais de Preservação - IEP*. Recife, jan. 1997. Disponível em: <https://cm-recife.jusbrasil.com.br/legislacao/266567/lei-16284-97>. Acesso em: 12 mai. 2020.

RIBEIRO, P. R. M. História da educação escolar no Brasil: notas para uma reflexão. *Paidéia* (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, n. 4, p. 15-30, jul. 1993.

SILVA, T. M. *Espaço escolar, arquitetura e pedagogia no Recife: notas para uma modernização sem mudança*. Dissertação (Mestrado em Educação). Recife, 2012. Universidade Federal de Pernambuco.

SIMÕES, J. L.; FIGUEIRÔA, A. P. R. História e Memória do Instituto de Educação de Pernambuco. *Revista Contrapontos*, Itajaí, v. 18, 2018, n. 3, p. 212-226, jul.- set. 2018.

TAKIYA, A. (Org.). DUARTE, H. Q. *Escolas classe escola parque*. 2ª edição, São Paulo, FAUUSP, 2009.

## NOTAS

<sup>1</sup> Estes tópicos foram abordados no Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à OMITIDO PARA AVALIAÇÃO e que foi utilizado como base para o presente artigo. Seu primeiro capítulo, *Modernização, educação e arquitetura (1937-1958)*, aborda o processo de modernização brasileiro e seus reflexos nas políticas educacionais do período e relações com a arquitetura. O objeto de estudo é caracterizado no segundo capítulo, *O Instituto de Educação de Pernambuco*, e são abordados seu histórico, relação com o contexto urbano e análise projetual. Os valores do I.E.P. são elencados no terceiro capítulo, *Reconhecimento de valores*, a partir de consulta com seus atores sociais, culminando em uma Declaração de Significância. Por fim, o último capítulo, *Funcionalidade e conservação*, analisa o desempenho do programa arquitetônico das escolas do instituto e seu estado de conservação, propondo diretrizes de intervenção para um melhor desempenho.

<sup>2</sup> No livro *Modulando. Notas e comentários. Arquitetura e Urbanismo*, de Edison Lima (1985), consta a ampla divulgação midiática de todo o processo da nova sede e sua repercussão.

<sup>3</sup> Estrutura temporária inicialmente construída como um altar para o III Congresso Eucarístico Nacional, sendo reformada após a celebração religiosa para funcionar como um pavilhão na Exposição Nacional de Pernambuco de 1939, em meio a outras estruturas arquitetônicas dispostas no Parque 13 de Maio (FREITAS, 2006, p. 109).

<sup>4</sup> Neste mesmo período estavam sendo colocadas em prática as experiências inovadoras de Hélio Duarte e Diógenes Rebouças em Salvador, a Escola Parque em Salvador, mas não foram encontradas nas fontes consultadas referências dos arquitetos do I.E.P. a esta experiência. O *Plano de Edificações Escolares da Capital* de Anísio Teixeira, Diógenes Rebouças e Paulo Assis é de 1947, mas a única escola concluída, o *Centro Educacional Carneiro Ribeiro*, teve sua primeira etapa inaugurada em 1950 e só foi concluída totalmente em 1964 (ANDRADE JUNIOR, 2016, p.193-233)

<sup>5</sup> Disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/755023/classicos-da-arquitetura-escola-estadual-milton-campos-oscar-niemeyer>, acesso em 19 de maio de 2021 bitem.

<sup>6</sup> Disponível em <http://www.niemeyer.org.br/obra/pro047>, acesso em 19 de maio de 2021.

<sup>7</sup> Disponível em [https://www.archdaily.com.br/br/898302/classicos-da-arquitetura-as-arquiteturas-do-parque-ibirapuera-oscar-niemeyer?ad\\_medium=gallery](https://www.archdaily.com.br/br/898302/classicos-da-arquitetura-as-arquiteturas-do-parque-ibirapuera-oscar-niemeyer?ad_medium=gallery), acesso em 19 de maio de 2021.

<sup>8</sup> O programa de escolas parque surgiu em Salvador em 1947, por meio do então secretário de educação Anísio Teixeira. Inspirado no sistema *platoon* norte-americano, estruturava dois grupos disciplinares em turnos alternados, composto por matérias fundamentais, ministradas nas escolas classe, e matérias especiais, como artes e atividades físicas, nas escolas parque (TAKIYA, 2009, 96-97). O livro *Escolas classe escola parque*, organizado por André Takiya (2009), relata a experiência e seus efeitos sobre a educação brasileira.

<sup>9</sup> A Rua João Lira foi aberta com o intuito de escoar o tráfego de veículos no sentido centro/periferia. Durante a gestão de Pelópidas Silveira, o alargamento da Avenida Conde da Boa Vista ocasionou desapropriações no centro urbano, e buscava-se evitar novas perdas similares no centro através de uma solução de tráfego ágil e econômica; no entanto, tal solução desapropriou parte do terreno do Parque 13 de Maio e gerou a separação do parque e o Instituto de Educação. Não se conhece a data exata de sua inauguração, mas a rua já constava no Levantamento Planimétrico de 1964, portanto sua construção aconteceu entre 1957 e 1964 (FREITAS, 2006, p. 120).

<sup>10</sup> Disponível em <http://www.biblioteca.pe.gov.br/?pag=1&men=3>, acesso em 19 de maio de 2021.

---

NOTA DO EDITOR (\*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade do(s) autor(es)